

A importância da literatura potiguar e o papel do bibliotecário como mediador literário

Danyelle Costa dos Santos
danyelle_009@hotmail.com

Recebido em: 7 maio 2023
Aceito em: 8 nov. 2023

Resumo

Esta pesquisa de cunho bibliográfico do tipo exploratória, buscou apresentar a importância da literatura, bem como dissertar sobre a relevância da literatura potiguar para construção de uma identidade cultural norte-rio-grandense. Para a compreensão da trajetória da literatura potiguar objetivou-se ainda demonstrar a dimensão da literatura do estado através de um breve histórico. Um outro objetivo específico é também realizado o qual se voltou para a discussão da importância do bibliotecário como mediador. Conclui que, é por meio da intervenção contínua do bibliotecário como mediador, que se constrói uma comunidade leitora. Sendo a literatura uma das artes essenciais para a vida dos sujeitos, estes deveriam ter acesso à produção literária dos autores e autoras norte-rio-grandenses a partir dos acervos das bibliotecas.

Palavras-chave: literatura potiguar; literatura norte-rio-grandense; bibliotecário como mediador.

The importance of Potiguar literature and the librarian's role as literary mediator

Abstract

This exploratory bibliographic research sought to present the importance of literature, as well as to discuss the relevance of Potiguar literature to build a cultural identity of the Rio Grande do Norte. To understand the trajectory of Potiguar literature, it was also aimed to demonstrate the dimension of state literature through a brief history. Another specific objective is also accomplished, which turned to the discussion of the importance of the librarian as a mediator. It concludes that it is through the continuous intervention of the librarian as a mediator that a reading community is built. Since literature is one of the essential arts for the lives of subjects, they should have access to the literary production of authors from north-Rio-grandness authors on library collections.

Keywords: Potiguar literature; Rio Grande do Norte literature; librarian as mediator.

1 INTRODUÇÃO

A literatura vai além da sua condição erudita que se baseia em compilar textos a partir de uma estética, destarte ela está efetivamente presente na historiografia sendo uma representação do contexto espacial e geográfico na qual foi produzida (Araújo *et al*, 2015; Silva, 2014). Posto isso, ressalta-se que a literatura se faz essencial para determinada comunidade compreender e “abraçar” a sua identidade cultural, uma vez que, elas surgem simultaneamente.

O próprio Antônio Cândido, crítico literário brasileiro, em sua obra *Formação da Literatura Brasileira* (*apud* Duarte; Macêdo, 2001, [p. 9]) argumenta que:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõem, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens [e as mulheres] do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimatação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, – dos quais se formaram os nossos.

Desta forma, ela tem função catártica, estética, cognitiva, histórica e sociocultural. Conhecer autores regionais e pátrios favorece o entendimento do indivíduo em relação a sociedade na qual está inserido (Araújo *et al*, 2015).

Sobre o assunto, Rômulo Wanderley (*apud* Duarte; Macêdo, 2001) foi perspicaz ao declarar que a História da Literatura Brasileira não estará completa até que seja feito um levantamento inteiro das literaturas regionais, argumentando que muita produção significativa, assim como muitos nomes excelentes não puderam ultrapassar as fronteiras de suas províncias.

Pensando nisso, o estado do Rio Grande do Norte possui em seu catálogo mais de cem autores clássicos, desde 1800, que se repetem nas antologias escritas que objetivaram justamente reunir biografias e trechos das obras desses potiguares, e que, todavia, não estão contemplados nas grades curriculares básicas dos cursos de literatura na Educação Básica, nem no Ensino Superior, seja em âmbito regional ou nacional.

Investigar e tentar divulgar esses nomes e seus trabalhos ficaram sob os cuidados dos escritores e professores da área nascidos ou radicados no estado, ao longo do último século, e raramente com alguma ajuda governamental. Na revista cultural “A Tribuna”, Antonio Marinho, crítico da época, foi quem, publicou em janeiro e fevereiro de 1898 um resumo do que havia sido produzido até então na literatura (Gurgel, 2001).

Em contrapartida, com publicações realizadas no meio do ano de 1907 Henrique Castriciano, escritor e pesquisador potiguar, “foi o primeiro a tentar sistematizar a literatura norte-rio-grandense” (Duarte; Macêdo, 2001, p. 26), além de ser apontado como primeiro pesquisador do estado e “o pioneiro dos estudos de uma cultura potiguar, erudita e regional” (Duarte; Macêdo, 2001, p. 105).

Câmara Cascudo, escritor e pesquisador do RN, também foi um personagem ímpar na dedicação em resgatar textos perdidos de seus conterrâneos e publicá-los. Além de, ter sido sempre uma voz ativa no discurso de valorização de uma literatura local. Algumas de suas publicações sobre o tema são *Alma patricia* (1921) e *A História da Cidade do Natal* (1947).

Todavia, de acordo com Wanderley (1965), foi Ezequiel Wanderley, escritor norte-rio-grandense, em 1922, o primeiro a tentar reunir escritores em uma coletânea *Poesias do Rio Grande do Norte*, na qual continha cento e oito poetas nascidos no estado. No ano seguinte, em 1923, o escritor Armando Seabra publica *Ensaio da crítica e literatura*, livro que discorre sobre a Filologia e que enaltece o escritor Ferreira Itajubá.

Antônio Fagundes, escritor, se preocupou em trazer o contexto histórico, geográfico e cultural do RN ao reunir trechos de textos de autores em *Leituras potiguares* de 1934. O livro contém contos, crônicas, ensaios e poemas. Posteriormente, em 1966, o escritor e jornalista Nei Leandro de Castro publica *Contistas norte-rio-grandenses* (Duarte; Macêdo, 2001).

Já em 1965 surge outra coletânea, com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, de autoria de Rômulo Wanderley, o próprio intitula esse novo trabalho de uma ampliação dos esforços de Ezequiel. Neste já estavam incluídos autores que não necessariamente haviam nascido no RN, ao total duzentos e vinte e seis poetas, porém o autor admite que não há rigor em sua seleção, ele apenas tratou de unir quem estava fazendo poesia em sua coletânea.

Em 1979 é publicado pelo poeta e professor Moacy Cirne *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte*, que, de acordo com Duarte e Macêdo (2001), se trata de um ensaio que, focando nos procedimentos de vanguarda, aborda produções poéticas dos norte-rio-grandenses. E ao longo da década seguinte diversas outras antologias foram organizadas por Assis Brasil, essas são: *Guia poético da cidade do Natal*, *Poesia Circular*, *Um dia, a poesia*, *Geração Alternativa – Antologia poética potiguar* e *A poesia norte-rio-grandense no século XX* (Duarte; Macêdo, 2001).

A segunda edição, de 2001, revisada e ampliada da antologia de Constância Lima Duarte e Diva Maria Pereira de Macêdo intitulada *Literatura do Rio Grande do Norte*, contempla setenta e sete autores. Essas autoras também publicaram uma edição em 2013, intitulada *Escritoras do Rio Grande do Norte*, volume dedicado apenas às mulheres que produziram no estado, na qual acrescenta nomes que não entraram na antologia geral de 2001, visto que, se a literatura norte-rio-grandense é desvalorizada, muito mais é a literatura feminina, mesmo que o Rio Grande do Norte seja um estado marcado por forte protagonismo feminino, seja na política, na ciência ou nas artes.

Na política, o estado foi o responsável por ter na cidade de Mossoró no ano de 1928 Celina Guimarães Viana, a primeira mulher a votar no país; no mesmo ano Alzira Soriano de Souza foi eleita a primeira prefeita na cidade de Lajes. Nas letras, Nísia Floresta foi a primeira mulher a escrever e publicar sobre os direitos das mulheres no Brasil; e na Biblioteconomia destacam-se os esforços da escritora, jornalista e bibliotecária Zila Mamede (Cunha; Reis, 2018).

Uma demonstração do apagamento feminino aparece na escrita de outros que se prontificaram a compilar e divulgar a literatura potiguar, como é o caso do Tarcísio Gurgel no livro *Informação da Literatura Potiguar* de 2001 ou de Manoel Onofre Jr. em seu livro *Salvados: Livros e Autores Norte-Rio-Grandenses*, de 2000, nos quais ambos elegem Lourival Açucena como primeiro escritor potiguar, desprezando um dos maiores nomes do estado que é Nísia Floresta sob a justificativa de que, embora nascida no estado, sua escrita seria muito “pernambucana” ou “europeia”. É válido evidenciar que, apesar disso, Onofre Jr. aponta que a própria escritora Nísia homenageava, em seu nome artístico, o local de seu nascimento, sendo, portanto, Nísia Floresta Brasileira Augusta: Brasileira por seu país e Floresta pelo sítio que nasceu em Papary (município

que foi renomeado Nísia Floresta, em homenagem à autora). Em contrapartida, Duarte e Macêdo (2001, p. 28) utilizam esse mesmo argumento para defender a permanência da autora como autora norte-rio-grandense:

No caso da escritora, não custa lembrar que a partir da escolha do nome literário – Floresta – ela homenageia o local onde nasceu, e, ao longo de sua obra, são inúmeras as referências à paisagem, aos costumes e à infância vivida em terras potiguares. Se Nísia Floresta não fosse considerada pertencente à literatura do Rio Grande do Norte, que outro estado deveria reivindicá-la? Seria o caso de esperar que o Rio de Janeiro, Pernambuco ou o Rio Grande do Sul (ou talvez algum país da Europa), a incluísse entre suas escritoras apenas porque ela aí publicou alguns títulos?

Há também os autores que não nasceram no Rio Grande do Norte, mas se mudaram para o estado muito novinhos, produziram e/ou se consideram pertencentes ao RN, como é o caso de Zila Mamede que nasceu na Paraíba. Neste aspecto, Manoel Onofre Jr. (2000, p. 11):

[...] convém esclarecer: o que é um autor potiguar? Por acaso, seria, simplesmente, todo aquele que tivesse nascido no Rio Grande do Norte? Não. Potiguar é o escritor que, havendo ou não, nascido neste Estado, tem a terra norte-rio-grandense entranhada em sua obra; é o que aí morou bastante tempo, ou mora, e aí construiu, ou vem construindo sua obra.

Apesar do considerável número de produtores de literatura e das riquezas em suas obras, muitos escritos estão perdidos e praticamente todos os autores, ou a grande maioria deles, vivem no anonimato em sua própria terra natal, sendo “retirados da gaveta” por amantes da literatura ou estudiosos da área. Em geral, Nísia Floresta, Henrique Castriciano, Auta de Souza e Câmara Cascudo são alguns dos poucos nomes conhecidos pela população. Em 1903, ao criticar os costumes natalenses, José Braz já dizia que “Somos um grupo de indivíduos cuja única preocupação cifra-se em espiar uns aos outros. Povo sem comércio, sem arte, sem literatura, e, por conseguinte, sem intuição clara da vida moderna [...]” (Braz, 2007, p. 63), e na realidade, não é que essa literatura não exista, é que ela está esquecida.

Retomando novamente Onofre Jr. ainda em 2000, ele afirmava que todos os escritores e poetas estabeleceram-se sem apoio algum do meio social, declarando ainda que este meio quando não foi apenas indiferente aos autores, foi hostil, e desde então o cenário não se alterou. Ao menos em Natal, na capital do estado, a Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Biblioteca Central Zila Mamede – e alguns Sebos comumente espalhados pelo bairro da Cidade Alta, como o Sebo Vermelho, foram ainda que insuficientemente, por esses quase dez anos, os principais locais de difusão de uma literatura local, porém de forma tímida, incapaz de atingir as massas. Essa discussão pode ser reforçada por Aquino (2014) quando confirma que o Brasil, imerso na realidade de terceiro mundo, acaba tendo a literatura como um privilégio de poucos brasileiros e que a massa fica alheia às discussões deste universo.

Ainda, é possível apontar que a relação do Rio Grande do Norte não é muito amistosa com as bibliotecas, dado que, a maior biblioteca pública do estado – a Biblioteca Pública Câmara Cascudo – esteve fechada por quase dez anos, desde 2012 até sua recente reinauguração em dezembro de 2021, impossibilitando que a parte não

elitizada da sociedade pudesse ter acesso não apenas ao conhecimento científico, mas também ao entretenimento que pode proporcionar o livro, e, obviamente, acesso à literatura potiguar.

É importante destacar que na realidade do Brasil não é viável para maior parte da população visitar com frequência bibliotecas públicas situadas nas zonas nobres das cidades, e ainda sobre o assunto sabe-se que comprar livros que são considerados esgotados ou raros por meio de plataformas digitais (como a *Estante Virtual*) é uma idealidade quase utópica para essa mesma população, visto que os preços não são acessíveis.

Destarte, a fragilidade da literatura pouco divulgada e da quase inexistência de bibliotecas no Rio Grande do Norte descortina ainda uma outra urgência que envolve os bibliotecários e seu papel de mediador literário. Levando em consideração o papel social e cultural que ele exerce na comunidade para diminuir a distância entre a biblioteca e o indivíduo, visando formar leitores assíduos que reconheçam a literatura brasileira e regional e também se reconheçam nela, a partir da compreensão de que “a sociedade se vê na literatura” (Aquino, 2014, p. 55).

A presente pesquisa surge da necessidade de investigar e divulgar o universo literário do Rio Grande do Norte, explorando caminhos para inserir tais materiais nas bibliotecas públicas e escolares do estado, com vistas ao incentivo de que os leitores leiam a literatura local, impulsionando a construção de uma noção identitária por meio da literatura.

Pensar o estudo historiográfico de literatura local e a difusão dela na sociedade reforça uma consciência identitária e retira importantes e relevantes nomes (e obras) da literatura potiguar do esquecimento. Sobre o tema Araújo *et al* (2015, p. 8):

A discursão acerca da literatura potiguar é um papel fundamental para a formação do desenvolvimento humano, não somente pelo entretenimento de sua ficção, mas também por possibilitar a formação humana, através da qual se pode refletir sobre a vivência em sociedade, como também sua origem e a identidade do povo norte-rio-grandense (Araújo *et al*, 2015, p. [8]).

A partir disso, formar, então, não apenas leitores, mas também uma comunidade que conheça, saiba identificar e valorize suas raízes a partir da linguagem escrita.

Por fim, os objetivos desta pesquisa são discutir a importância da literatura, bem como da literatura potiguar para a população norte-rio-grandense; e demonstrar a importância da atuação do bibliotecário diante do seu papel como mediador literário e de formação de leitores.

2 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa utilizado nesse trabalho foi a exploratória. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 188) as pesquisas exploratórias “são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema”, para mais a pesquisa do tipo exploratória possui tripla finalidade, sendo essas “desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos”.

Partindo do princípio de que houve uma investigação para recuperar e destacar a produção literária clássica do Rio Grande do Norte, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 158).

3 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA NORTE-RIO-GRANDENSES

A princípio é preciso discorrer brevemente sobre a História da literatura do Rio Grande do Norte, apresentando os primeiros e os mais notórios escritores e os jornais que foram criados e dissipados ao longo dos anos e que foram essenciais para revelar e conservar esses autores, posto que o movimento literário em todo o país está conectado à imprensa periódica, desde os primórdios (Silva, 2014).

Cronologicamente a literatura norte-rio-grandense tem início em 1800, mais especificamente em 1830, ano em que a primeira escritora potiguar, conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta, debuta nas letras, com um jornal intitulado “Espelho das Brasileiras”. Seu primeiro livro é publicado um ano depois, em 1831, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Ademais de ser a primeira pessoa a escrever do RN, Nísia também encabeça o pioneirismo do Rio Grande do Norte no protagonismo feminino, sendo um símbolo de luta pelo espaço da mulher na sociedade para além da vida doméstica. Ousada e desafiando os padrões vigentes da época escreveu poesias, novelas e ensaios em um Brasil com heranças de sua monarquia e do período colonial (Duarte, 2008; Duarte; Macêdo, 2013; Itaquy, 2013).

Apesar de ter sido a primeira a escrever e a representar nas letras o RN, Nísia viveu maior parte da sua vida fora do estado, e tendo produzido bastante no exterior, sua obra foi difundida em vários países, idiomas e suportes diferentes – periódicos e livros.

Neste íterim, dentro do Rio Grande do Norte, na capital alguns jornais despontavam. O “Natalense”, que é de 1832, é citado como um dos primeiros a fazer considerações sobre as manifestações literárias (Silva, 2014). Já por volta de 1861 ocorrem publicações do “O Recreio”, um dos inúmeros jornais responsáveis por propagar a literatura, tendo sido o pioneiro “a difundir de modo sistemático, esse tipo de manifestação cultural” (Gurgel, 2001, p. 32).

É plausível destacar para assimilar melhor a conjuntura atrasada do desenvolvimento na capital que neste período apenas o Colégio Atheneu¹, ofertava o ensino secundário (Ensino Fundamental II e Médio). Exposto isto, além do “O Recreio” e do “O Natalense”, outros jornais – e revistas – populares políticos que continham literatura ou os próprios literários foram: “O Publicador Natalense” (1840), “O Nortista” (1849-1851), “O Brado Natalense” (1849), “O sulista” (1849-1850), “O Constitucional Nortista” (1851), “O Clarim Natalense” (1851), “O Argos Natalense” (1851-1852), “O Jaguarari” (1852), “O Professor” (1861), “O Estudante” (1860-1861), “O Beija-Flor” (1861), e “A Tribuna” (gurgel, 2001; Silva, 2014).

¹ O Colégio Estadual Atheneu Norte-rio-grandense, inaugurado em 1836, foi primeiro colégio do estado do Rio Grande do Norte, além de ser a segunda e mais antiga instituição escolar do Brasil. Hoje tem sede no bairro de Petrópolis, em Natal/RN. Ademais, foi onde grande parte dos intelectuais do estado estudaram e/ou ensinaram.

Disponível em: <https://fatosefotosdenatalantiga.com/colégio-atheneu-norte-riograndense/> Acesso em: jan. 2022.

Um autor que hoje é referência entre os estudiosos da literatura potiguar e foi impresso nas páginas do “Recreio” e da “Tribuna” foi Lourival Açucena, resgatado por Henrique Castriciano anos depois e sem ter publicado um livro em vida. É considerado o primeiro poeta norte-rio-grandense pelos que desconsideram os esforços e a produção da precursora Nísia Floresta, como a primeira escritora potiguar.

Curiosamente, a descrição da cidade Natal de Lourival é frequentemente apresentada junto à biografia ou características literárias do autor, sempre enfatizando que a vida na capital era muito tranquila: a cidade tinha poucas ruas, suas admiráveis dunas, suas belezas naturais e o seu Forte. Conquanto, o famoso provinciano aos poucos vai perdendo notoriedade próximo ao fim daquele século, à medida que o Brasil Império se desfaz e dá lugar à República, Natal passa por mudanças em seu cotidiano (Gurgel, 2001; Monteiro, 2011).

À diante, apesar da imprescindível participação de Lourival Açucena na literatura potiguar, especialistas costumam estimar o período posterior ao provinciano. A História da cidade do Natal está intrinsecamente ligada às oligarquias, sem ser uma exceção no campo literário, é na República que se destacam os Albuquerque e, principalmente, os Castriciano de Souza. Gurgel (2001) ainda nomeia esta fase de *Belle Époque*, afirmando que o estado desenvolve sua cultura nas letras, no teatro e na música, além do cenário urbanístico e arquitetônico, é quando surge, por exemplo, O Teatro Alberto Maranhão² (na época “Theatro Carlos Gomes”) e a Escola Doméstica de Natal³. Dos periódicos que circulavam nessa época, destacam-se “A República” (1889-1910) e a revista “Oasis”, produzida por dez anos, e a famosa “A Tribuna” (Gurgel, 2001; Ribeiro, [200-a]).

Outra família em evidência nas letras potiguares é a família Wanderley. Entre eles Segundo Wanderley que, embora alvo de críticas por Antonio Marinho, foi popular entre seus pares, se tornando “centro da atividade literária” (Gurgel, 2001, p. 40). No mesmo momento, outros nomes já, hoje eternizados, produziam no RN, entre eles Henrique Castriciano e sua irmã Auta de Souza, ambos publicaram poesias em revistas, periódicos e livros e foram exaltados no cenário nacional, sobretudo Auta de Souza.

Além disso, Henrique, como já citado, foi também responsável por republicar Nísia Floresta e Lourival Açucena; ser um aliado às mulheres ao exaltar figuras femininas e ao buscar trazer para a cidade educação para elas; sendo marcado por sua participação na cultura e na política (Gurgel, 2001; Ribeiro, [200-a]).

Antes de entrar no Modernismo, outro autor que merece destaque na historiografia literária do RN é Ferreira Itajubá, teve sua arte espalhada em jornais e manuscritos, boa parte está perdida, obra em que retratava, sobretudo, o amor e o exílio (Gurgel, 2001; Ribeiro, [200-a]).

Ademais, também da família Wanderley sendo sobrinha de Segundo, há Palmyra Wanderley “das mais queridas escritoras da terra” (Gurgel, 2001, p. 52). Considerada uma poeta de transição, precursora do Modernismo, frequentadora da vida social de Natal e uma das criadoras da revista “Via Láctea”, que circulou por apenas um ano, mas foi o primeiro periódico do estado, no qual mulheres escreviam para mulheres assuntos

² O Teatro Alberto Maranhão é o maior teatro do estado, foi inaugurado em 1904 e é um monumento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://coralplaza.com.br/conheca-a-historia-do-teatro-alberto-maranhao/> Acesso em: 03 mar. 2022.

³ A Escola Doméstica de Natal foi fundada em 1914 e idealizada por Henrique Castriciano, o autor tinha preocupação e dedicação à educação das mulheres. Disponível em: <https://noilderamalho.com.br/historia-2/> Acesso em: 03 mar. 2022.

que fugiam da vida doméstica. No mais, Palmyra tem fortes traços do feminismo em seus textos e sua poesia é marcada por descrições da natureza (Gurgel, 2001; Silva, 2015).

Outrossim, Carolina Wanderley, prima de Palmyra, também feminista, escritora de transição e umas das responsáveis por fundar a “Via Láctea” é um importante nome feminino a ser destacado neste breve histórico. Publicou dois livros e escreveu em diversos jornais e revistas, embora boa parte de sua obra siga inédita da época em que viveu (Duarte; Macêdo, 2013).

A fase do Modernismo no Rio Grande do Norte, que não é destoante do Modernismo no plano nacional, iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, e teve, basicamente, três momentos, sendo esses geração de 20, geração de 30 e a geração de 45. Nesse tempo, Natal passa por profundas transformações, especialmente por ter sido a principal base militar dos estadunidenses fora dos Estados Unidos da América durante a Segunda Guerra Mundial, evento que começou em 1939 e durou até 1945.

Nos textos modernistas é possível, a partir de então, encontrar elementos que, de fato, se fazem presentes na vida moderna, como o telefone, o automóvel, o telégrafo e as buzinas (Gosson, 1997). Nos anos da década de 1920, as oligarquias foram “formalmente” dissipadas; Natal já tinha aviões, debates sobre a participação da mulher na política, filmes mudos exibidos no *Royal Cinema*⁴, e o comércio passa por transições envolvendo personalidades literárias. É neste palco que desponta Jorge Fernandes. Ele publicou o primeiro livro em 1927, e textos na imprensa natalense, com ajuda e incentivo de Câmara Cascudo, que é considerado o maior representante do movimento, segundo Gurgel (2001, p. 63):

A poesia produzida pelo “futurista” potiguar nos anos vinte, tem certamente um sabor de novidade. Começa que despreza rima e métrica. Introduce o uso repetido de recursos onomatopéicos, que enriquece a sonoridade das idéias líricas, fala de coisas corriqueiras do cotidiano da cidade, como operários e bondes, de paisagens do sertão, como se os seus versos fossem mais conversa, do que propriamente poesia. E avança no registro da modernidade, interessando-se por elementos do progresso material, como máquinas, velocidade, luz elétrica, aviões.

O Diário do Rio Grande do Norte, publicado em 1999, traz informações valiosas de como era a cidade do Natal antes da guerra e como sua vida cotidiana, sua economia e sua cultura foram afetadas ao passo que a capital se torna o “Trampolim da Vitória”⁵. Portanto, durante a década de 1930, “Natal era uma cidade pequena, de hábitos provincianos, usando chapéu e palestrando nas calçadas após o jantar” (Souza, 1999, p. 143).

⁴ Era o único cinema que existia na capital potiguar, inaugurado em 1913 e encerrando suas atividades na década de 30. Ficava localizado no cruzamento das ruas Ulisses Caldas e Vigário Bartolomeu, no bairro da Cidade Alta, onde hoje funciona o prédio do Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON). Disponível em: <https://brechando.com/2017/05/26/historia-do-royal-cinema-de-tonheca-dantas/> Acesso em 16 jan. 2022.

⁵ Embora a cidade de Parnamirim seja popularmente conhecida como o “Trampolim da Vitória” a cidade só foi fundada treze anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, emancipando-se de Natal apenas em 1958. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/12/natal-trampolim-da-vitoria-dos-eua-durante-segunda-guerra-mundial.html> Acesso em: 22 fev. 2022.

Outros acontecimentos no quadro cultural foram o surgimento da Academia Norte-rio-grandense de Letras em novembro de 1936, embora esta tenha sido ofuscada pela Academia de Letras do Atheneu até o ano de 1940. Em janeiro 1939 surge o primeiro Sebo de Natal, que era localizado na Avenida Tavares de Lima, no bairro da Ribeira. Ainda, em 5 de agosto de 1939 Natal tem a sua primeira banca de jornais que ficava na esquina do famoso Natal-Club (Souza, 1999).

No ano de 1939, é criada a primeira “imprensa livre, consubstanciada no jornal “O DIÁRIO” (SOUZA, 1999, p. 161), uma vez que na época os únicos jornais eram “A República” (subordinada ao estado) e “A ordem” (subordinada à igreja) (Souza, 1999).

Conforme Ribeiro ([200-b]), Jorge Fernandes é o maior representante do primeiro momento do Modernismo no Rio Grande do Norte enquanto Polycarpo Feitosa, Aurélio Pinheiro e José Bezerra Gomes seriam os representantes do segundo momento, já nos anos 1930. E o terceiro momento, a chamada geração de 45, apresenta Newton Navarro nas artes plásticas e na prosa, Eulício Farias de Lacerda também na prosa, Zila Mamede na poesia e Deífilio Gurgel e Myriam Coeli no soneto (Duarte; Macêdo, 2001; Ribeiro, [200-b]).

No final dos anos 1950 e início dos anos 1960, há grande comoção na política nacional, acaba a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o mundo entra na Guerra Fria (1947-1989). No Rio Grande do Norte, o governo do estado e a prefeitura de Natal simultaneamente dedicam sua atenção para a cultura. Gurgel (2001) aponta aqui pela primeira vez há ilusões – concretizadas – de que os intelectuais pudessem debater fora do eixo sudeste Rio/São Paulo, além de ter a cultura do RN divulgada no país.

Tendo o ilustre Djalma Maranhão assumido a capital, pela segunda vez, na primeira eleição direta para o cargo em 1960. É de fundamental importância citar a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, que, segundo Santos (2016) era um projeto cujo objetivo era erradicar a analfabetização, a autora afirma que a campanha foi construída “através dos bairros periféricos, dos ideais nacionalistas, do planejamento daqueles que defendiam a igualdade social”, conseguinte o Secretária da Educação, nomeado por Djalma, “define a educação e a cultura como a meta número um do governo” (Santos, 2016, p. 34). Não muito depois, com a Ditadura Civil Militar de 1964, Djalma foi exilado e seus projetos foram destruídos (Santos, 2016).

E é nesse período de profundas mudanças políticas, e consequentemente socioculturais, entre o fim da década de 1950 até os anos 1970 que nasce a literatura de vanguarda no estado. Araújo *et al* (2015) consideram Avelino de Araújo, Anchieta Fernandes, Dailor Varela e Nei Leandro de Castro como os precursores do movimento de vanguarda.

Com origens na Semana de Arte Moderna e com estabelecimento na Poesia Concreta, uma nova forma de fazer poesia, o “Poema/processo” inaugura no Brasil na capital do Rio de Janeiro, de mesmo nome, em 10 de dezembro de 1967, repetindo o processo no dia seguinte, 11 de dezembro, na capital do Rio Grande do Norte, Natal. Surge no período em que a produção literária estaria enfraquecida, resumindo-se a textos sobre o cotidiano de Natal e, mais uma vez, atrasada em relação às produções pós-modernistas (Duarte; Macêdo, 2001; Medeiros, 2017).

Nas décadas de 1970 e 1980, emerge na capital um grupo de poetas chamados de “Geração Mimeógrafo” (Duarte; Macêdo, 2001) e que conforme Ribeiro ([200-c]) são grupos de escritores marginalizados pela academia, entre eles Carlos Antonio Ronaldo, João Batista de Moraes Neto, Vicente Vitoriano, Carlos Humberto Dantas e Marize

Castro. Esta última é apontada como Gurgel (2001) como a responsável por inaugurar tal modalidade poética.

A passagem da década de 1980 para a de 1990 é marcada pela “importância da poesia produzida e divulgada pelas mulheres”, o que demonstra o amadurecimento das letras potiguares; pela “ausência de predomínio exagerado [...] no que se refere à produção poética como um todo”; e pelo “surgimento de novos e bons autores na área da ficção” (Gurgel, 2001, p. 142). Por fim, os anos 1990 trazem trabalhos diferentes, marcados por variadas características como textos que chegam a se confundirem entre a memória e a ficção; Gurgel (2001) cita e reitera a relevância de mencionar os livros *Sem Paisagem* e *Entre o Rio e o Mar* de Moacyr de Góes, ex-secretário da Educação que atuou no governo de Djalma Maranhã durante campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” (Santos, 2016). Nesta obra “Moacyr resgata um tempo que parecia perdido, e realimenta a saudade de quantos acreditaram num governo popular, como aquele ensaiado pelo prefeito Djalma, morto no exílio uruguaio” (Gurgel, 2001, p. 153-154). Além dele Mailde Pinto Galvão, que também atuou ao lado de Djalma, foi presa e torturada na ditadura, e publica o livro memórias *1964: Aconteceu em Abril* no ano de 1994.

Para encerrar esta seção, a respeito da História literária que se fez em Natal, uma citação de Sobral (2014, p. 32, grifo nosso):

Natal, não há tal, entre outros como o que pregava que em cada esquina há um poeta e em cada rua um jornal. Cidade que cresceu sonolenta, segundo seu historiador mor, Luís da Câmara Cascudo. Até que acordou na lenda de Manoel Dantas e se projetou moderna. Primeiro foi a cidade na Ribeira e Cidade Alta, contida pelo rio, pelo mar e pelas dunas que não chegaram a cobri-la, depois se esticou para outros tantos bairros formados antes, durante e depois, Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol, Ponta Negra... Certo de que não há um único símbolo que a consagre, a não ser, ser a famosa cidade do sol protegida pelos Reis Magos. Também cidade onde antigas modinhas rolaram nas violas sofridas em canções de um Ferreira Itajubá, esquecido poeta, pintor de parede e tantas outras profissões que pôde ter.

3 O BIBLIOTECÁRIO COMO FORMADOR DE LEITORES E MEDIADOR LITERÁRIO

Desde o final do século XIX a sociedade vem passando por mudanças bruscas e constantes devido aos avanços tecnológicos que alteraram todas as esferas da sociedade (Bates, 2017). A profissão responsável pela organização, disseminação e recuperação da informação não é uma exceção. O profissional da informação deve buscar sempre novos conhecimentos, entendendo e atendendo o seu público conforme as demandas particulares de cada um (Pitz *et al*, 2011).

No século XXI, em plena sociedade da informação, não é mais permitido pensar ou entender o bibliotecário como catalogador e armazenador de livros, pois é de sua responsabilidade mediar a informação para o usuário/leitor e construir seu acervo com o intuito de despertar o gosto pela leitura (Rosa, 2011). Identificar um Estado rico em literatura e escasso em valorização e reconhecimento de sua cultura, como ocorre no Rio Grande do Norte, se faz oportuno para o profissional da informação formar e desenvolver coleções que estimulem a literatura local corroborando com uma construção identitária do leitor. Assim, espera-se que as bibliotecas atinjam os anseios informacionais e funcionem como um organismo integrado.

É na biblioteca escolar que os alunos expandem suas competências e habilidades (Hillesheim; Fachin, 2003). Por isso deve ser vista como o ambiente mais importante da escola, não se limitando ao seu acervo, mas aproveitando-se da sua capacidade cultural. Em sequência, Fragoso (2002, p. 125) defende que as categorias educação e cultura são as duas partes as quais as funções da biblioteca escolar podem ser agrupadas, a saber:

Na função educativa, ela representa um reforço à ação do aluno e do professor. Quanto ao primeiro, desenvolvendo habilidades de estudo independentes, agindo como instrumento de autoeducação, motivando a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Quanto à atuação do educador e da instituição, a biblioteca complementa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender as necessidades do planejamento curricular. Em sua função cultural, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo.

Pensando nas atividades que o bibliotecário desenvolve que contribuam com o seu papel na formação do leitor dois aspectos essenciais devem ser ponderados: a formação e desenvolvimento de coleções e um programa de leitura existente na escola. Campello e Vienna abordam ambos em sua obra *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica* (2003). Sobre o primeiro, as autoras afirmam que a formação e desenvolvimento de coleções:

não é um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente e sem nenhum propósito. Para constituir um recurso didático eficiente, o acervo da biblioteca tem que ser formado e desenvolvido com critérios, levando-se em conta o projeto pedagógico da escola e o contexto em que esta se insere (2003, p. 30).

Isto é, para atender as necessidades informacionais dos alunos, o acervo da biblioteca deve ser projetado de modo a contemplar a estrutura curricular, sem deixar de compreender as condições nas quais essa biblioteca opera. Nesse contexto, o profissional da Biblioteconomia e Ciência da Informação é capacitado para formar e desenvolver coleções visando seu público alvo. Essa lógica racional da formação de acervos, contudo, não é prerrogativa apenas das bibliotecas escolares, mas de todas as bibliotecas em suas diversas tipologias.

O parâmetro atual de ensino, no qual a grade curricular de literatura segue o sistema de ensino tradicionalista, acaba afastando o público da literatura literária (BRITO, 2020) e impossibilita que uma literatura local tenha a chance de despertar o interesse do leitor para além dos autores consagrados e estudados nacionalmente. A seguir:

[...] podemos perceber a grande necessidade de trabalhar a literatura potiguar na sala de aula dando destaque desde sua origem até a contemporaneidade para que assim os estudantes tenham a oportunidade de construir a sua própria identidade como também o seu eu leitor através de produções literárias e da cultura local (Araújo *et al*, 2015, p. [8]).

Apoiado na citação acima exponha-se que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), a aprendizagem e a biblioteca não são conceitos separados. Neste viés, se há uma necessidade de estudar literatura potiguar, logo há necessidade de reformular o acervo com o propósito de atender as demandas educacionais. Ademais, o profissional precisaria saber como acolher essas possíveis demandas; e, para que o bibliotecário possa incentivar uma leitura literária, ele precisa ser também um leitor (Pitz *et al*, 2011). Intensificando o argumento, Brito (2020, p. 70) expõe que “objetos culturais como os livros são signos, discursos e, ao mesmo tempo, são realidades concretas e objetivas. É preciso ter acesso material ao objeto, mas são essenciais saberes específicos para sua apropriação simbólica”.

Disto isso, para que o bibliotecário leia, o objeto livro precisa “existir”, todavia, como não existe demanda de obras potiguares, não existem novas edições dos “clássicos potiguares” sendo impressas, ou reimpressas, para serem vendidas em livrarias. Com a Biblioteca Pública Câmara Cascudo fechada, a Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (BCZM/UFRN), os sebos, como os tantos que existem na cidade (tratados na p. 21 deste trabalho), e sites de vendas de livros usados, como o *Estante Virtual*, entre outros, são alguns sítios no quais esses materiais regionais poderiam ser encontrados.

Já sobre o programa de leitura as autoras afirmam que ele deve ser sistemático, conter os materiais adequados e necessariamente deve estimular o uso frequente para se fazer eficiente (Campello; Vienna, 2003). Assim, tendo esses aspectos alinhados à proposta pedagógica e não ignorando o contexto sociocultural é possível formar leitores assíduos e interessados, entendendo que a formação de leitores é função conjunta, dos pais, dos professores e do bibliotecário, que tem de alinhar toda a estrutura física, de conteúdo e de ações para atender seu público-alvo (Dutra *et al*, 2016).

Como visto a biblioteca escolar desempenha um papel essencial na formação dos leitores, ademais, as bibliotecas públicas são também espaços responsáveis por essa atividade não só na fase escolar, mas ao longo da vida dos sujeitos. Diante disso, destaca-se o manifesto das bibliotecas públicas, publicado em 1994 pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), no qual traz a biblioteca pública como uma porta para o acesso ao conhecimento, esclarecendo que ela é quem proporciona as condições básicas para a aprendizagem continuada, para a tomada de decisões, e para o desenvolvimento, individual e grupal, da cultura.

O documento ainda apresenta doze missões essenciais da biblioteca pública para a alfabetização, para a educação e para a cultura. Assim:

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espectáculo;
7. Fomentar o diálogo inter-cultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- 12.

Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e actividades de alfabetização para os diferentes grupos etários (IFLA, 1994, p. [2]).

Chamam a atenção as missões um, cinco e nove. Porquanto, a primeira reforça o exposto de que cabe à unidade de informação formar e manter leitores desde a infância. É implícito, porém evidente, que a biblioteca em si não cria esses leitores, mas o faz por intermédio da ação do bibliotecário. A quinta chama a atenção por expor questões acerca da promoção do conhecimento de herança local. Já a nona, do mesmo modo, porque versa sobre garantir que toda a comunidade tenha acesso às produções locais. Essas missões estão em conformidade com a discussão de que é por intermédio das ações do bibliotecário que formam-se leitores que conheçam e consumam a produção literária do lugar em que nasceram.

Em contrapartida os espaços de cultura no estado do Rio Grande do Norte são abandonados e desvalorizados pelos governos. A maior biblioteca pública do estado, localizada na capital, esteve fechada desde 2012 (Moura, 2021), isto é, por quase dez anos os potiguares foram impedidos de consumir literatura de forma gratuita e tangível, o que pode ser uma das justificativas dos baixos índices de leitores do Rio Grande do Norte (Sigler, 2015).

A gestão atual, da governadora Fátima Bezerra do Partido dos Trabalhadores (PT), reinaugurou, em dezembro 2021, os espaços culturais que estavam fechados no estado, entre eles, a Pinacoteca Potiguar, o Teatro Alberto Maranhão e a Biblioteca Pública Câmara Cascudo. A biblioteca foi reaberta em 14 de dezembro de 2021⁶, mas, ainda sem uma proposição de ações de mediação e divulgação dos autores norte-rio-grandenses. E isso não é positivo, pois, conforme Rasteli e Cavalcante (2013) a integração do indivíduo no mundo literário não acontece de forma espontânea, mas sim através de políticas e de dispositivos socioculturais.

Para Tassoni e Gonçalves (2021), alguns dos caminhos promissores para formar leitores são atividades facilmente desempenhadas pelos bibliotecários, como estabelecer critérios para selecionar as obras do acervo, realizar leituras de diferentes livros e compartilhar as impressões com outros frequentadores das bibliotecas.

No que concerne à mediação, Almeida Júnior e Bortolin (2007) conceituam como todo ato de interferência efetuado pelo profissional da informação que supra uma necessidade informacional, independentemente de ter sido de forma plena ou parcial. Complementando a posteriori que a mediação não está apenas no contato bibliotecário-usuário em si, mas também na seleção de materiais para compor o acervo, entre outros. Sob a perspectiva do mediador cultural, pretende-se que ele detenha competências e atitudes de um agente cultural protagonista, possuindo conhecimentos interdisciplinares e tendo consciência de sua função cultural (Lima; Perrotti, 2016). Assim, para além da composição do acervo é preciso fazer com que o mesmo seja conhecido e lido, tendo o bibliotecário um papel fundamental e indispensável nesse processo de formação de leitores e da mediação literária.

⁶ A Professora Doutora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus mobilizou e enviou à atual governadora um manifesto e uma petição pública no ano de 2019 com o propósito de reabrir a biblioteca. Sobre o assunto consta no Apêndice B da Carta à Governadora que “O objetivo do manifesto não foi expor o novo governo, mas possibilitar a manifestação daqueles que acreditam na biblioteca e que aguardam uma abertura efetiva, buscando que a nova gestão pudesse abraçar a causa” (Tanus, 2021, p. 77).

Segundo Brito (2020), o desafio do bibliotecário mediador de literatura literária é precisamente criar oportunidades para os leitores se expressarem. Ele deve estar preparado para acompanhar o leitor durante todo o crescimento e desenvolvimento deste, como ser humano e leitor, para tal precisa se planejar e conhecer as mais diversas obras, desde a seção infantil à adulta (Brito, 2020). Assim sendo, o bibliotecário encarregado de formar leitores potiguares precisa conhecer as obras e autores locais. Não obstante, os cursos de graduação em Biblioteconomia no país devem assumir o compromisso de formar profissionais que estejam preocupados com o processamento da informação, mas também com a disseminação da informação, empenhando-se em aspectos da formação que visem pelos aspectos culturais de forma geral (Rasteli; Cavalcante, 2013).

Neste prestigioso papel, que é contribuir para que um cidadão ou toda uma sociedade se desenvolva como leitora do universo literário, “os bibliotecários devem buscar o aprendizado contínuo e a melhoria de suas qualificações e competências, envolvendo-se e colaborando com a crescente demanda evidenciada nos diversos segmentos da sociedade”, bem como a atuação cultural do profissional da informação se reflete “como estímulo para a aquisição de competências, saberes, fazeres e compartilhamento de experiências que potencializam suas capacidades de atuação como mediador de leitura” (Rasteli; Cavalcante, 2013, p. 168-169).

E sobre esse tema, os autores ainda apontam treze características que o bibliotecário mediador deve possuir, são elas: ser um leitor ativo; conhecer as teorias da leitura; valorizar narrativas orais; providenciar o acesso à informação em diferentes suportes; desenvolver a *Advocacy*⁷ em biblioteca pública; conhecer as políticas públicas acerca do livro e da leitura; contemplar multiplicidades culturais; estabelecer relações afetivas com o leitor; trabalhar em equipe; consolidar parcerias; ter competências ao lidar com as Tecnologias [Digitais] da Informação e Comunicação (TDIC); conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0; e, por fim, buscar a educação continuada. Como já dito, ler as obras e conhecer mais acerca da literatura é fundamental e indispensável para o bibliotecário mediador, corresponsável pela formação de leitores. Para aprofundar no tema da literatura potiguar, segue-se a próxima seção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse artigo foi discutir o papel do bibliotecário enquanto mediador da literatura potiguar, em razão do estado do Rio Grande do Norte não ter o devido conhecimento de suas personalidades literárias como se gostaria e como é necessário. Enfatizou-se a importância de formar leitores desde os primeiros anos para a construção de uma noção identitária local e para o fortalecimento cultural. Assim, foi trazido um breve histórico e características dessa literatura, esta que, inclusive, não é trabalhada no curso de Biblioteconomia.

No primeiro capítulo foram apresentados conceitos e foi discutida a importância da literatura, bem como, da literatura potiguar para a população norte-rio-grandense, com o auxílio das reflexões de Compagnon (2009) e Candido (2011) e de outros pesquisadores potiguares que se dedicaram a estudar, compilar, sistematizar e divulgar

⁷ *Advocacy* é um termo em inglês que significa defender e trabalhar por uma causa.

Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/amp/fa%C3%A7a-sua-parte-no-advocacy-para-as-bibliotecas> Acesso em: 20 fev. 2022.

aspectos da literatura local, sendo alguns desses Onofre Jr. (2000), Gurgel (2001) e Duarte e Macêdo (2001; 2013).

Em seguida, aprofundou-se na história da literatura do estado, recuperando também aspectos da capital natalense para trazer um contexto histórico e um panorama da atividade literária desde os provincianos até os contemporâneos.

O terceiro capítulo tratou de demonstrar o papel cultural que o bibliotecário desempenha enquanto mediador literário e formador de leitores perpassando pelo panorama atual do profissional da informação, como também pela definição de biblioteca pública e privada e por aspectos que concernem à realidade do Rio Grande do Norte.

A pesquisa demonstrou que o Rio Grande do Norte, apesar de estar geralmente em desvantagem em relação a outros estados em toda sua construção, possui uma historiografia robusta o suficiente para serem apresentados aos norte-rio-grandenses, por ter diversos nomes no catálogo de autores, produções de grande qualidade estética, em diversos gêneros e pertencentes a períodos distintos. É válido ressaltar que, embora o bibliotecário seja o responsável por mediar obras e leitores dentro da biblioteca, a questão é mais complexa, uma vez que, muitas vezes os órgãos governamentais do estado não oferecem subsídios para que o profissional possa atuar dentro dos espaços. Ademais, é preciso que o bibliotecário seja um leitor, um conhecedor da literatura, para que assim possa mediar, conversar, dialogar, sugerir a leitura aos sujeitos.

Por fim, este trabalho reforça o entendimento de que o bibliotecário nesta sociedade possui o dever de ser mediador e formador de leitores, não apenas o conservador da informação, e imagina essa função cultural dentro da esfera da literatura norte-rio-grandense, que, apesar de não ser uma discussão nova, é pouco explorada e que precisa ser aprofundada em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura. *In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., 2007. Anais [...]*.

Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. Disponível em:

http://eprints.rclis.org/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_E_DA_LEITURA.pdf Acesso em: 15. Jan. 2022.

AQUINO, Midian Ellen White de. O conto engajado de Lygia Fagundes Telles. **ANL – Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, n. 41. Natal: Offset Editora, 2014.

ARAÚJO, Benício Mackson Duarte; MIRANDA, Márcia Rangel Alves de; COSTA, Ana Rosângela da Silva; COSTA, Vanlúcia Alves da; PEREIRA, Crígina Cibelle. A literatura Potiguar na sala de aula: preservando a identidade cultural e literária. *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 7., 2015, Campina Grande. Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

BATES, Tony. **Educar na era Digital: design, ensino e aprendizagem (versão digital)**. ABED. São Paulo, 2017.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRAZ, José. Aspectos Natalenses – Crítica dos Costumes. *In*: EMERICIANO, João Gothardo Dantas (org.). **Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal**. Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.

BRITO, Regina Garcia. Mediação da leitura em bibliotecas: aproximação às especificidades da leitura literária. **Revista ENTRELETRAS**, Araguaína, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/9518/18407>
Acesso em: 07 jan. 2022.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CAMPELLO, Bernadete Santos; VIANNA, Marcia Milton. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CUNHA, Jacqueline de Araújo; REIS, Mônica Karina Santos. Protagonismo feminino na Biblioteconomia e Ciência da Informação no Rio Grande do Norte: uma história tecida pela Prosa e Poesia. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. 2. ed. rev. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. **Literatura do Rio Grande do Norte: antologia**. 2. ed. rev. e aum. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria do Estado da Tributação, 2001.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. **Escritoras do Rio Grande do Norte: antologia**. 2. ed. rev. e ampliada. Natal: Jovens Escribas, 2013.

DUTRA, Andreza Rimar; FERREIRA, Roselaine Gomes; GUIMARÃES, Ana Cecília de Brito Valença; LACERDA, Maria de Fátima Gomes. A biblioteca escolar como agente incentivador da leitura: o caso dos alunos do ensino médio da Escola Pública Estadual Centro Profissionalizante Deputado Antônio Cabral (CPDAC) e a análise de seus hábitos de leitura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 38-48, 2016.

FEDERAÇÃO Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias – IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO Sobre Bibliotecas Públicas 1994**. Disponível em:

<https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf> Acesso em: 15 jan. 2022.

FRAGOSO, Graça. Biblioteca na escola. **Revista ACB**, Brasília, v. 7, n. 1, p.124-131, 2002

GOSSON, Eduardo. Literatura Norte-Rio-Grandense: Brevíssimas Considerações. *In*: Sociedade Amigos da Leitura (org.). Módulo Zero: Leitura: Linguagem, Sociedade e Cidadania, 1996, Natal. **Anais [...]**. Natal: Sociedade Amigos da Leitura, 1997, p. 81-88.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal (RN): Argos, 2001.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB**, v. 8, n. 1, 2003.

ITAQUY, Antônio Carlos de Oliveira. **Nísia Floresta: Ousadia de uma Feminista no Brasil do Século XIX**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161 – 180, 2016. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/02/pdf_33d83e264a_0000022785.pdf Acesso em: 15 jan. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; Eva Maria LAKATOS. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, Alberione da Silva. **Dos Processos do Poema ao Poema/Processo: o Vanguardismo Semiológico de Moacyr Cirne**. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. A produção literária no Rio Grande do Norte sob a ótica de Luís da Câmara Cascudo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA 12., – ABRALIC, 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0910-1.pdf> Acesso em: 10 jan. 2022.

MOURA, Milka. Obra complementar da Biblioteca Câmara Cascudo custa R\$ 280 mil. **Tribuna do Norte**. 2021. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/obra-complementar-da-biblioteca-camara-cascudo-custa-r-280-mil/514345> Acesso em: 03 dez. 2021.

ONOFRE Jr., Manoel. **Salvados: Livros e Autores Norte-Rio-Grandenses**. 2. ed. rev. aum. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augiza Karla. O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 405-418, jul./dez. 2011.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan./abr., 2013.

RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. Primeiras manifestações literárias no RN. *In*: RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. **Literatura Potiguar na sala de aula**. Natal: IFRN, [200-a]. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/literatura-potiguar-na-sala-de-aula/primeiras-manifestacoes-literarias-no-rn#:~:text=A%20literatura%20impressa%20do%20Rio,considerado%20o%20primeiro%20poeta%20potiguar>. Acesso em: 15 jan. 2022.

RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. Em sintonia com o Modernismo. *In*: RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. **Literatura Potiguar na sala de aula**. Natal: IFRN, [200-b]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/34398733-Literatura-potiguar-na-sala-de-aula.html> Acesso em: 15 jan. 2022.

RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. A efervescência da poesia nos anos 70 e 80 – escritores marginais. *In*: RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. **Literatura Potiguar na sala de aula**. Natal: IFRN, [200-c]. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/literatura-potiguar-na-sala-de-aula/a-efervescencia-da-poesia-nos-anos-70-e-80-escritores-marginais> Acesso em: 15 jan. 2022.

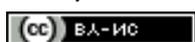
ROSA, Cláudia Santa. **A leitura literária na escola pública potiguar**. Natal: IDE, 2011.

SANTOS, Gledes Mara Fernandes dos. **Exílio: uma abordagem histórica sobre as suas consequências na vida de Djalma Maranhão durante a Ditadura Civil Militar no Rio Grande do Norte (1964-1985)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Natal, 2016. Disponível em: <http://geaciprianobarata.blogspot.com/2016/10/exilio-uma-abordagem-historica-sobre-as.html>

SIGLER, Thalita. Potiguares têm baixo índice de leitura. **Tribuna do Norte**. 2015. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/potiguares-ta-m-baixo-a-ndice-de-leitura/322654> Acesso em: 03 dez. 2021.

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. Literatura e província: o universo literário da cidade do Natal (1861-1889). **Quipus: Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação**, v. 3, n.1, dez. 2013/maio. 2014

SILVA, Maiara Juliana Gonçalves da. Feminismo em marcha: reflexões feministas em Palmyra Wanderley (1914-1928). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., Lugares



dos Historiadores Velhos e Novos Desafios. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439064173_ARQUIVO_ARTIGOPARAANPUHversao2paraANAIS.pdf Acesso em: 15 jan. 2022.

SOBRAL, Gustavo. O maior da literatura menor. **ANL – Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, n. 41. Natal: Offset Editora, 2014.

SOUZA, Itamar de. **Diário do Rio Grande do Norte**. Natal: Diário de Natal, 1999.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Em busca de bibliotecas verdadeiramente públicas no Rio Grande do Norte**. Natal: Edição da autora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32670/1/Em%20busca%20de%20bibliotecas%20verdadeiramente%20p%C3%BAblicas%20RN%202021.pdf> Acesso em: 20 fev. 2022.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; GONÇALVES, Bruna De Mattei. O papel da biblioteca na mediação da educação literária e formação do leitor. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n. 2, p. 44-67, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/57291/751375152601> Acesso em: 15 jan. 2022.

WANDERLEY, Rômulo. **Panorama da Poesia Norte-rio-grandense**. Rio de Janeiro: Edições do Val Ltda., 1965.